



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Neubern, Maurício S.

Milton H. Erickson e o Cavalo de Tróia: A Terapia Não Convencional no Cenário da Crise dos
Paradigmas em Psicologia Clínica

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 363-372

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815213>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Milton H. Erickson e o Cavalo de Tróia: A Terapia Não Convencional no Cenário da Crise dos Paradigmas em Psicologia Clínica

Maurício S. Neubern^{1,2}
Universidade de Brasília

Resumo

O presente artigo busca situar a obra de Milton Erickson no cenário da transição de paradigmas científicos em psicologia clínica. Destaca-se que as contribuições desse autor, ao mesmo tempo em que denunciam as limitações do paradigma dominante, apontam na direção de pressupostos distintos, muito afins com as perspectivas de um paradigma emergente. A metáfora do cavalo de Tróia busca retratar a influência sutil e intensa do trabalho desse autor sobre as perspectivas de modo que, enquanto fascina e causa admiração, traz em si um potencial elevado de reflexão crítica sobre as mesmas perspectivas. Destacando três aspectos centrais desse processo – a impossibilidade teórica, o caráter complexo e a busca de novas racionalidades – o artigo é concluído delineando possíveis caminhos para o legado de Erickson.

Palavras-chave: Milton Erickson; terapia não convencional; hipnose; paradigmas; psicologia clínica.

Milton H. Erickson and The Trojan Horse: The Nonconventional Therapy in the Paradigms Crisis Scenario in Clinical Psychology

Abstract

This article places Milton Erickson's work in the scenerio of transition of scientific paradigms, especially in clinical psychology. The text shows that Erickson's contribution denounces the limitations of the dominant paradigm and points in the direction of different assumptions that are very similar to the emergent paradigm's perspectives. The trojan horse metaphor seeks to portray the powerful and subtle influence of Erickson's work on sacred perspectives. While Erickson's work fascinates and causes admiration, it brings in itself a high potential for critical reflection about the same perspectives. Highlighting three main aspects – the theoretical impossibility, the rescue of a complex subjectivity and, at last, the search for new rationalities – As a conclusion, possible pathways for understanding and using Erickson's legacy in the field of clinical psychology are emphasized.

Keywords: Milton Erickson; uncommon therapy; hypnosis; paradigms; clinical psychology.

Uma incômoda questão permanece em aberto para quem quer que reflita sobre a obra de Milton Erickson: como ela deveria ser compreendida no atual cenário do conhecimento das ciências psíquicas. Tal questão, mesmo parecendo simples e despretensiosa, reveste-se de profunda importância, uma vez que toca diretamente em pontos fundamentais sobre a própria construção do conhecimento e principalmente sobre a crise de paradigma vivida na atualidade (Morin, 1983, 1998;

concebê-la como um conjunto de ideias posteriormente traduzidas para o contexto da psicologia clínica. Dito de outro modo, a riqueza da obra de Erickson reside na sua abordagem da terapia não convencional³ por meio de narrativas e formas de comunicação.

Por outro lado, o que a maior parte da literatura consiste em uma tarefa impossível: procurar conceber uma obra que não se encaixa em

pode-se entender a insatisfação de Hoffman (1992) ao criticar as tentativas de sistematização do legado de Erickson. É justamente nesse ponto que o presente artigo assume sua posição: procura-se compreender a obra de Erickson como um conjunto de contribuições que ao mesmo tempo questionam, denunciam a falência e apontam soluções diante dos dilemas e limitações do paradigma dominante na ciência e suas influências na psicologia⁵. Vale destacar que tais ações da obra desse autor antes de apontarem para a simples e cômoda construção de uma nova teoria, remetem para transformações profundas em termos epistemológicos, cujos rumos e implicações são imprevisíveis. Tratam-se muito mais de um conjunto múltiplo de desafios que exigem constantes construções de seus interlocutores, dando lugar a uma tarefa sempre inacabada.

Nessa perspectiva de conceber o problema, pode-se notar a considerável similaridade entre a forma como Erickson lidava com seus pacientes e, talvez sem que o soubesse, a forma como se posicionou diante dos próprios paradigmas dominantes na psicologia. Ao invés de confrontar abertamente suas crenças e ativar suas resistências, em sua prática terapêutica e hipnoterapêutica ele procedia de forma indireta desviando sua atenção e ativando aos poucos, via inconsciente, seus processos de mudança (Erickson & Rossi, 1979; Erickson, Rossi & Rossi, 1976; Haley, 1991; Zeig & Geary, 2000). De modo semelhante, seu legado estético e pragmático, ao mesmo tempo em que evoca profunda admiração e curiosidade da comunidade científica, parece promover em seu seio, sem que se perceba, importantes modificações que questionam profundamente os pressupostos da psicologia clínica. É nesse sentido que será aqui tomada a metáfora do cavalo de Tróia, isto é, a de um presente belo e imponente que, ao cair da noite e já no interior das muralhas do saber, anula suas defesas, permitindo a revolução e a construção de uma nova ordem. Contudo, parte-se do pressuposto de que o momento atual do

paradigma emergente nessa disciplina. 7. abordará brevemente três tópicos básicos: a racionalidade teórica, a subjetividade como objeto científico (e não de novas racionalidades) que colocam a subjetividade de subjetividade (Gonzalez-Rey, 1997; Gonzalez-Rey, 1996b, 1998; Neubern, 1999, 2000, 2001). Este eixo fundamental para um novo paradigma é uma tentativa, ao invés de se constituir em uma simples previsão, pois o novo paradigma ainda não se constitui, busca apenas delinear algumas possibilidades, noções mestras, sem a pretensão de esgotar as possibilidades do imprevisível e da surpresa, mas em investigações desse tipo. Optou-se por essas razões, pela restrição da discussão à transição e não abrangentes sobre a transição e crise de paradigma, considerar com mais propriedade as contribuições dos autores que buscam sistematizar o legado de Erickson. A tentativa é a de demonstrar a importância de algumas importantes reflexões epistemológicas e metodológicas, delineando seu lugar central no cenário da psicologia.

Um Imenso Cavalo de Madeira na Fortaleza Científica

Fissuras na Unicidade Teórica

Um dos principais pilares em torno do qual a ciência científica erigiu-se de forma imponente é a ideia de um acesso único e confiável ao real (Gonzalez-Rey, 1996a, 1998; Prigogine & Stengers, 1987). Uma vez afastada toda aparente complexidade das condições iniciais, tornava-se possível o acesso a leis gerais e universais que regiam os fenômenos. Os cientistas passaram a possuir o privilégio de compreender a natureza, impondo-se sobre ela e transformando-a de modo nunca antes visto. Tal perspectiva teve um considerável impacto social para os avanços da ciência, de modo a associar-lhes intrinsecamente à pro-

A psicologia, por sua vez, movida pelo afã de pretensão científica, passou por um percurso histórico ao mesmo tempo curioso e embaraçoso quanto à construção de seus sistemas teóricos. Por um lado, as categorias generalistas sobrepuseram-se quase que por completo às noções singulares, dissolvendo os sujeitos cotidianos em estruturas universais inconscientes, comportamentais ou sociais (Gergen, 1996; Gonzalez-Rey, 1997; Neubern, 2001b). As conseqüências dessa primazia generalista vão desde o paradoxo de um indivíduo universal (Santos, 1995) até a constituição da psicologia como uma ciência muito mais voltada para o polo da regulação do que da emancipação⁶ (Santos, 1989). Por outro lado, a diversidade e a tendência exclusivista e autocêntrica de seus sistemas de idéias colocou sob suspeita a tão almejada cientificidade, pois o pressuposto de uma realidade única e absoluta era incompatível com a multiplicidade de noções de homem. Desse modo, um campo disciplinar povoado de uma diversidade de escolas, em que cada uma delas reivindicava o privilégio da realidade sobre a psiquê humana, permitiu com que a psicologia fosse concebida como uma ciência atrasada, pré-paradigmática no sentido de Kuhn (1996), com relação às ciências da natureza, onde o consenso estaria mais amplamente estabelecido.

No entanto, os percalços para um reconhecimento científico não impediram a conquista de espaços sociais e daí a construção de fortalezas que delimitavam os domínios da psicologia. De forma similar, não impediram as defesas acirradas contra qualquer ataque à racionalidade científica dominante da qual tal ciência buscava se imbuir. Neste contexto, tal como ocorrido na guerra de Tróia, os psicólogos recebem a obra de Erickson em meio à profunda admiração, sem vislumbrar os perigos que comporta contra suas construções teóricas. A ebbriedade das festas e comemorações das pretensas vitórias de sua cientificidade parece tê-los embalado na doce ilusão de enquadrá-la em perspectivas tradicionais, reconhecidas

noção, em termos epistemológicos, os indivíduos como seres únicos possuindo determinações gerais de família, da sociedade, dentre outras qualidades emergentes (Morin, 1997). Nessas determinações nem se incluem as sociais. Suas qualidades ativas permitem-lhes serem considerados indivíduos (Gonzalez-Rey, 1997; Morin, 1997). Sobre as próprias determinações, implica em considerar que a psicologia de conteúdos universais e específicos conforme a citação abaixo (Zig

Acho que o terapeuta não tem a oportunidade de pensar no processo de uma forma favorável. E todas as regras da análise transaccional ... vários livros, como se cada pessoa fosse um livro descobri em cinquenta anos, cada um é diferente. Sempre trato cada pessoa enfatizando as qualidades individuais.

O que se destaca nesta crítica é a questão discutida, não é apenas a confusão entre a obra de Erickson (O'Hanlon, 1994) e a organização complexa de processos de ruptura com os pressupostos da construção e o papel da teoria. É o mesmo tempo em que se considera a possibilidade para a terapia não convencional de uma forma distinta de construir teorias, com os questionamentos epistemológicos.

Diante de uma realidade singular, cada instante, a construção de uma teoria privilegia uma relação distinta com outros pressupostos epistemológicos. É uma vez que não é possível um confronto com o real (Anderson & Goolishian, 1994).

como pode ser notado em diversos momentos do trabalho de Erickson (Erickson & Rossi, 1979; Haley, 1991; Zeig, 1995; Zeig & Geary, 2000) a geração de pensamento teórico adquire o caráter de construção, marcada histórica, cultural e subjetivamente, ao invés de um corpo transcendente e desvincilhado de seu sistema sócio-cultural; uma construção que não permite uma relação de controle e manipulação deliberada dos objetos, mas que considera, admira e contempla o entrelaçamento complexo de dimensões próprio aos mesmos.

Há também um segundo ponto que depõe contra a possibilidade de teorização, em termos tradicionais, do legado de Erickson, mas que ganha um papel central se assumido em termos epistemológicos – o terapeuta ou pesquisador enquanto sujeito. Dentro de uma perspectiva dominante, as colocações sobre o estilo pessoal desse autor (Haley, 1991; O'Hanlon, 1994; Zeig & Geary, 2000) fazendo referência à sua genialidade, podem conduzir à idéia da impossibilidade teórica, posto que o conhecimento de tais pressupostos jamais poderia ser repetido por se tratar de um conjunto de habilidades muito pessoais e particulares. Sem analisar os diversos ângulos desse tipo de pensamento, chama-se à atenção para a maneira radical com que Erickson toma a questão do sujeito. À princípio seu esforço concentra-se muito mais no atendimento de necessidades específicas dos momentos terapêuticos ou de pesquisa e na criação de novas formas de abordá-los, passando longe da tentativa de coerência ou convencimento teóricos de uma comunidade científica. Dito de outro modo, sua anarquia metodológica parece ser focada prioritariamente sobre seu autoconvencimento (Santos, 1989), abusando de seu potencial criativo no sentido de fazer frente às diversas exigências do real, prestando pouca ou nenhuma importância à validação de pressupostos consagrados da psicologia.

Essa infidelidade teórica, contrabalançada pela fidelidade à originalidade das próprias idéias, longe de indicar qualquer ausência de compromisso histórico com o pensamento coletivo, resgata rigorosamente a ação do sujeito enquanto um campo onde as idéias ganham vida,

construção teórica na perspectiva de um sujeito singular, de maneira que a própria investigação científica também a assumir sua singularidade. Erickson e tais abordagens de pensamento, como se sabe, de acordo com Erickson, procuram romper com a idéia de que as teorias são corpos impessoais, desvinculados de relação com a subjetividade social e histórica. A teoria antecede e as acompanha (Bateson, 1990; Morin, 1983, 1996a; Santos, 1987). Portanto, não implica em considerar que se trata de qualquer perspectiva comum e coletiva, mas apenas que, no seio das construções teóricas, crenças partilhadas na comunidade científica e a generalização precisam aprender a lidar com a singularidade, a criação e a diferença, próprias da vida.

Diante do exposto, considera-se que Erickson encontram-se muito mais como um sujeito em seu trabalho de que como uma solução teórica particularmente no que diz respeito às questões gerais e o singular, o comum e o diverso. O sujeito em sua relação com os marcos teóricos servem de referência. No entanto, cabe lembrar que, embora a obra de Erickson possa ser vista como uma dicotomia teoria e prática, as características apresentadas sobre a construção teórica não representam uma superação inquestionável de tal dicotomia. A abordagem empírica, que aponta para momentos de conhecimento como teoria – prática ou experiência, não desconsidera por completo que toda a metodologia implica na geração de perguntas, uma vez que o sujeito é epistemologicamente ativo e tais ações tornam-se essencialmente teóricas. Portanto, palavras, a pesquisa e a intervenção terapêutica caracterizam em si mesmas pelo uso de técnicas terapêuticas, mas pela geração de conhecimento teórico desenvolvido pelo sujeito, onde as técnicas ganham sentido (Gonzalez-Vieira, 1999). Logo, no que se refere à obra de Erickson,

exclusão da subjetividade (Gonzalez-Rey, 1997; Morin, 1983, 1996a; Neubern, 1999, 2000; Santos, 1987). Colocando-se como tarefa impessoal e coletiva, o empreendimento científico buscava eliminar nos sujeitos, fossem pesquisadores, fossem objetos de estudo, tudo o que constituísse ameaça ou fonte de erro, por meio de noções generalistas e universais ou ainda pela vulgata dos contextos de experimentação.

Esse processo de exclusão da subjetividade abrangeu intensamente os diversos ramos do conhecimento, vindo a se estabelecer como um dos principais eixos do paradigma dominante sob a forma de uma grande divisão (Morin, 1998; Santos, 1987, 1989). Um lado dessa divisão era o universo da objetividade, regido por leis que permitissem a previsão e o controle. A linguagem era essencialmente técnica e prosaica e contava com o recurso inestimável da matemática, cuja lógica quantitativa oferecia maior precisão e segurança à empresa científica. Trata-se do lado onde a física reinava como modelo de ciência apontando um conjunto de procedimentos a serem seguidos por todas as demais, o que leva a química a divorciar-se da alquimia, a astronomia da astrologia e a medicina a expulsar de seu seio todos os representantes estranhos às pretensões científicas, como o mesmerismo e os magnetizadores do século XVIII. O mundo dos objetos, ícone de uma realidade estática e a-histórica, concentrou-se inicialmente sobre o movimento e as propriedades dos corpos, as reações químicas, as rotas planetárias, dentre outros.

Do outro lado do abismo, achava-se o reino da subjetividade cuja linguagem permitia o senso poético e estético, o pensamento qualitativo e a reflexão filosófica. Encontravam-se lá diversas disciplinas que ocupavam um patamar inferior à racionalidade científica, posto não serem capazes de um retrato fiel da realidade. O direito, a filosofia, a teologia, a literatura e o senso comum poderiam abordar as relações humanas, Deus, a alma, o amor, a sociedade, a produção literária, enfim, objetos cujo teor subjetivo não poderia permiti-los pertencerem aos interesses científicos.

metodológica, romperam com de interação presentes no cenário. Toda a dimensão subjetiva própria um *status* intrinsecamente marginal de qualificá-las como momentos como no caso dos métodos concebidas como propostas em contextos, desprovidas de qualquer generalização⁷ (Gonzalez-Rey,

Por outro lado, as exigências da empresa científica implicam múltiplas disjunções e reduções estudo. O caso das emoções e sentido (Despret, 1999; Gonzalez, 2000, 2001b). Um processo de múltiplas articulações com os ou com seus sistemas sociais, procedimentos que o atomizam conexões e momentos históricos dimensão (como a biologia relacionam isomorficamente comportamentais, desconsideram reguladoras dos processos de descaracterização dos objetos com uma associação arbitrária universais que freqüentemente corpo teórico do que aos cenários. No entanto, determinados objetos ainda sofrer intensa marginalização terrenos proibidos ou míticos p Tal parece ser o caso da hipnose (1999) que, por diversos motivos delineados em sua pesquisa Erickson, Hershman & Selter (1976; Rossi, 1997) ainda se en preconcetos e não consistem comunidade científica⁸.

Todavia, a próxima surpresa

fragmentos, apresenta considerável sintonia com o tema da subjetividade discutido sob diferentes perspectivas no cenário científico (Morin, 1996a, 1996b; Santos, 1995; Tourraine, 1999) e na psicologia de modo geral (Anderson & Goolisnhian, 1988; Ausloos, 1995; Gergen, 1996; Gonzalez-Rey, 1997; Keeney, 1994; Mahoney, 1991; Neubern, 1999). As contribuições da terapia não convencional revestem-se de especial importância na medida em que retomam a complexidade das questões envolvidas com o tema da subjetividade, promovendo articulações entre noções classicamente opostas pelo paradigma dominante.

À princípio, Erickson destaca a impossibilidade de conhecer a subjetividade (O'Hanlon, 1994) tanto pelas diversidade de processos emaranhados que lhe são próprios, como por sua contínua mutação. A citação seguinte (Rossi, Ryan & Sharp, 1983) é ilustrativa nesse sentido:

Seu paciente é uma pessoa hoje, totalmente outra amanhã, mais totalmente outra ainda na semana que vem, no mês que vem, no ano que vem. Daqui a cinco, dez, vinte anos será outras pessoas. É bem verdade que possuímos certo *background* genérico, mas somos pessoas diferentes a cada dia de nossas vidas. (p.3)

Um dos pontos centrais que se destacam desta citação é a relação que Erickson estabelece entre a ação do sujeito e sua determinação histórica. Sob o auxílio de sua própria orientação naturalista (Erickson, 1958; Erickson & Rossi, 1979) pode-se conceber que ele preconiza um sujeito atual e auto-regulado que qualifica de forma própria as influências sociais e históricas sem colocar-se como um autômato das mesmas. Dito de outro modo, o sujeito é atual, subjetiva sua história, ao invés de se escravizar à ela, e permanece aberto às opções presentes em suas ações sociais. É dentro dessa mesma perspectiva que se pode compreender sua orientação de presente e futuro (O'Hanlon, 1994; Zeig, 1995) que não lhe constrangia a um retorno obrigatório ao passado de seus pacientes.

Porém, a passagem acima evoca ainda outra dimensão,

importantes alternativas quanto ao determinismo e histórico que podem possuir influência sobre os sintomas, mas não necessariamente a

Em segundo lugar, depreende-se a postura de observação atenta quanto às ações do sujeito, sejam elas verbais, seja não verbais (respiração, postura, expressão facial, voz, gestos, outras). Tal observação que busca atentar o tempo à uma visão holística, singular e subjetiva do sujeito refere-se ao que Erickson designa como *minimal cues* (Erickson, 1964; Erickson & Rossi, 1979), exigência de qualificação (ou utilização) das expressões do sujeito sem a necessidade de reduzi-las em uma dada perspectiva teórica. A partir deste ponto refere-se à possibilidade de construção interativo (seja da terapia, da pesquisa, da construção do conhecimento) com um mínimo de pontos (*minimal cues*) que conferem a tal processo rupturas e aberturas. A história desenvolvida para a consideração dessas interações não se dá em perspectiva linear e homogênea para múltipla, heterogênea e com diversas possibilidades de significação e narrativa.

Aqui toca-se em uma terceira implicação da medida em que se busca privilegiar os processos dos sujeitos, de modo que a utilização da terapia volta-se para o desencadeamento nos processos particulares dos pacientes. A função da teoria não é outra que não a de fornecer referências para o diálogo com a realidade do sujeito, abstendo-se do mecanismo tradicional de interpretar tal problemática a partir de princípios *universais e a priori*. Essa perspectiva pressupõe envolver o paciente em seus projetos de mudança, criando condições para sua participação como sujeito nos mesmos.

Finalmente, cabe ressaltar que sempre que a subjetividade coloca problemas de difícil solução, a abordagem de Erickson oferece alternativas

As dúvidas e paradoxos que tais exclusões legaram não parecem mais ser toleráveis. Porém, da mesma forma que um ser aberto ao presente e o futuro não permitiram à Erickson construir uma teoria, as incertezas do porvir do conhecimento só permitem indagações ainda não respondidas.

Promovendo a Subversão: Rumo a Novas Racionalidades Para Lidar com o Imponderável

O caráter a-teórico com que Erickson conduziu suas construções traz à tona um terceiro ponto que sintoniza seu trabalho com as possibilidades de um paradigma emergente: a busca de novas racionalidades que faça frente à complexidade das questões estudadas. Nesse sentido, o ponto que pareceria ser sua maior falha, afigura-se como uma de suas maiores contribuições. Sua insistência em não construir sistemas condizentes com a tradição psicológica é altamente significativa, pois diante de uma realidade altamente complexa, Erickson prefere contemplá-la e respeitá-la, posto que qualquer forma de teorização conhecida o levaria aos mesmos equívocos de seus contemporâneos, isto é, à uma profunda mutilação e descaracterização dos objetos de estudo. Ao limitar-se a construir alguns princípios de abordagem, ele não só apontava para a necessidade de respeito das realidades subjetivas, mas também para a necessidade de investigações e desenvolvimentos epistemológicos mais profundos que pudessem contemplar e abordar semelhante complexidade.

Tal postura adotada pelo autor aproxima-se sobremaneira dos desafios com que se depararam os físicos na mecânica quântica e na relatividade. À medida que se depararam com noções contraditórias (paradoxo partícula-onda), incertezas e ausência de referenciais absolutos (Heisenberg, 1999; Morin, 1997; Santos, 1987) os físicos viram-se constrangidos a buscar novas concepções, cujos questionamentos abalaram pilares centrais do paradigma dominante como a matéria, o tempo, o espaço, o universo

A questão que se coloca em relação à necessidade de busca de cosmovisões e pressupostos disjunções e reduções predominante. Uma vez que o m morte por falta de matéria, concepções enraizadas nos se torne possível o diálogo co irregular, paradoxal e permo singulares, em que as tradiciona vez menos condições explica manancial de conceitos e no ciências sociais, passam aos po explicações físicas, permitindo dos fenômenos. História, imp acidente, revolução social escravatura, democracia nucl somente proporcionando uma complexos, mas principalmen âmagô daquilo mesmo que to (Morin, 1996a, 1998; Santos, como analogias, textos, bio adquirir um papel central na Goolishian, 1996; Gergen, 199 geral (Santos, 1987).

É numa perspectiva semelh sobre uma das principais car Erickson: o conto de histó (Erickson & Rossi, 1979; Hal O'Hanlon, 1994; Rosen, 1994 recurso aparece em sua obra de pressupostos que, conform noção complexa da subjetiv central que se destaca em sua e analogias, contrariamente à d não aparecem subordinada subjacente. Ou seja, seu uso antemão por uma leitura sobre

À princípio remetem a uma noção de uso em que o próprio jogo interativo promove um contexto em que se torna possível a reconstrução de significados e sentidos singulares do sujeito. A pragmática de tal recurso refere-se tanto à consideração dos cenários específicos do sujeito como à própria coreografia que se desenha entre paciente e terapeuta, abrangendo múltiplos níveis ou dimensões (Erickson & Rossi, 1979; Erickson & cols., 1976). Apesar das críticas quanto à noção de níveis de relação que podem sugerir hierarquizações, tal perspectiva apresenta afinidades com as noções pós-modernas que enfatizam uso e jogos de linguagem (Anderson & Goolishian, 1988; Gergen, 1996). As construções dos sujeitos sobre suas vidas, seus conflitos e problemas não consistem em subprodutos de estruturas gerais e impessoais, mas remetem a seus cenários cotidianos onde se desenvolvem, por assim dizer, organicamente.

Por outro lado, o uso de analogias e histórias tocam ainda em outra questão epistemológica de considerável importância. Uma vez que não é possível um conhecimento direto da complexidade dos sujeitos, tornam-se necessárias formas indiretas de abordá-los que desencadeiem processos de mudança (Erickson, 1958; Erickson & Rossi, 1979; Erickson & cols., 1976). Esse uso indireto da linguagem abre, ao mesmo tempo, duas perspectivas importantes: por um lado, promove importantes reconstruções e experiências que remetem o sujeito a um auto-conhecimento, isto é, um conhecimento vivencial e aberto ao qual ele se engaja ativamente como sujeito e não espectador. De outra parte, remete à uma reflexão aprofundada sobre o próprio conhecimento psicológico que necessita comportar aberturas, buracos negros, ruídos e interrogações que o abram para o diálogo com a complexidade do real, ao invés de buscar mantê-lo na ilusão de um conhecimento homogêneo, linear e acabado.

Desse modo, pode-se compreender que a terceira surpresa que salta de dentro do cavalo de madeira é a

formas tradicionais de interlocução da qual ela é vista como um autômato ignorante. Com isso, promove uma pertinência em que os discursos comuns apontam para a construção de um mundo para o conhecimento¹⁰ (Santos, 1989).

Conclusão

O Legado de Erickson Como um Pro

A questão principal que animou o desenvolvimento deste artigo foi o de situar o legado de Erickson como uma contribuição central no seio da crítica aos paradigmas da atualidade tanto nas ciências humanas quanto na psicologia. A proposta não implicou em desvincular as contribuições desse autor de suas fontes que tenham alimentado a construção de sua obra. Da mesma forma que toda obra original se relaciona com o pensamento coletivo de uma época, as contribuições de Erickson são frutos de seu tempo e de suas experiências com os precursores que anunciam revoluções e novas concepções que dominaram o cenário da psicologia. A originalidade de uma obra não deve ser avaliada em termos de relações com os cenários sociais e culturais. Em outras palavras, preocupações epistemológicas, os debates teóricos, as críticas, os componentes políticos e ideológicos, enfim, todo o conjunto de fatores que permeiam a construção do saber.

No entanto, uma das principais intenções deste artigo consiste em prevenir os interessados no legado de Erickson de um erro epistemológico, social e político. Trata-se de evitar que nas comunidades científicas, particularmente na psicologia, a de buscar travestir propostas novas em velhas ideias antigas. Ou seja, de forma quase automática, se explicam contribuições revolucionárias em termos de esquemas consagrados, em que toda inovação ou reflexão criativa é esgotada em formulações metodológicas aceitas pela tradição, mesmo diante dos inúmeros desafios sociais e culturais. Não se trata de negar a importância do legado de Erickson, mas de situá-lo em um contexto mais amplo e crítico.

reflexão epistemológica que busca qualificar o novo, pode desempenhar papel decisivo.

É justamente neste ponto que se concebe que o legado de Erickson consiste prioritariamente em um presente de grego, na medida em que convida seus interlocutores à transformações profundas não apenas em suas formas de abordagem terapêutica, mas também a uma revisão crítica de todos os momentos e situações onde o conhecimento se constrói. Por tais razões, após a pergunta feita na introdução do artigo sobre como conceber a obra de Erickson, outra interrogação torna-se inevitável: que usos devem ser feitos da obra de Erickson. Essa sequência de perguntas implica na abertura de consideráveis desafios movidos pela busca de coerência entre os princípios adotados e às diversas formas de relação que se desenvolvem nos setores da comunidade científica.

Em outras palavras, tais desafios podem ser sintetizados da seguinte forma. Se: os sujeitos são complexos, singulares, auto-regulados e modificam-se à cada instante; não se permitem apreender pelas formas tradicionais de construir teorias; remetem a um universo imponderável mais invisível que visível e permeado por acontecimentos, desordens e caos; exigem formas indiretas de abordagem em que a linguagem analógica e anedótica passa a conviver com o rigor científico; implicam na superação de dicotomias tácitas para o pensamento psicológico – Então: como deveriam ser conduzidas as relações nos contextos de ensino e formação? Que parâmetros poderiam nortear as relações nos conclaves e encontros científicos? Que pautas poderiam permear os bastidores e o cotidiano dos institutos? Quais diretrizes serviriam de referências para a condução da pesquisa e da terapia? Quais parâmetros auxiliariam na reflexão sobre a inserção social dessa forma de conhecimento?

Na mesma linha de pensamento, a lista de questões pode ser estendida consideravelmente. Contudo, não se

No entanto, embora o de epistemológicos se constituam, considerar a terapia não convencional legado de técnicas, eles trazem para a apreciação desse presente (Keeney, 1994). A admiração pelo cavalo ericksoniano de 70 conduzir psicólogos e cientistas, mas também resgatem a imaginação com um futuro distinto para a uma vez que tais transformações, dúvida um dado significativo, impressionado tão profundamente psicológicas, não tanto por um na razão, mas principalmente, surpreende, beira o absurdo, interlocutores e mobiliza em consequências deste processo, ainda muito obscuras, pois paradigmas existem poucos seguros para concebê-las. Erickson parece apontar para um mundo seco e morto pela dominante, para um universo paradigma emergente (Neu Stengers, 1997).

Referên

- Anderson, H. & Goolishian, H. (1988). *Items: Preliminary and evolving clinical theory. Family Process*, 27, 37-50.
- Anderson, H. & Goolishian, H. (1996). *Paradigmas modernos na psicoterapia* (J. E. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas*, Porto Alegre: Artes Médicas. (Origem: Lumen).
- Ausloos, G. (1995). *La compétence des familles*. Lumen.
- Bateson, G. (1998). *Pasos hacia una ecología*. Lumen.
- Chertok, L. (1998). *Le non savoir des psy*. Paris: Synthelabo.

- Erickson, M., Hershman, S. & Secter, I. (1998). *Hipnose médica e odontológica. Aplicações práticas* (R. Montibeller & J. C. V. Gomes, Trans.). Campinas: Psy. (Original publicado em 1961)
- Gergen, K. (1996). *Realidades e relaciones*. Barcelona: Paidós.
- Gonzalez-Rey, F. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Havana: Pueblo y Educacion.
- Gonzalez-Rey, F. (1999). *La investigación cualitativa: Rumbos y desafíos*. São Paulo: Puc-Edu.
- Haley, J. (1991). *Terapia não convencional* (N. Telles, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1986)
- Heisenberg, W. (1999). *Física e filosofia* (J. L. Ferreira, Trad.). Brasília: EdUnB. (Original publicado em 1958)
- Hoffman, L. (1992). *Fundamentos de la terapia familiar*. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- Keeney, B. (1994). *Estética del cambio*. Barcelona: Paidós.
- Kuhn, T. (1996). *A estrutura das revoluções científicas* (B. Boeira & N. Boeira, Trans.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1970)
- Liotard, J. (1979). *La condition postmoderne*. Paris: Minuit.
- Mahoney, M. (1991). *Human change process*. New York: Basic Books.
- Mendonça, J. (1995). *A magia da hipnose na psicoterapia*. Campinas: Psy.
- Morin, E. (1983). *O problema epistemológico da complexidade*. Mem Martins: Europa-América.
- Morin, E. (1996a). *Ciência com consciência* (M. Alexandre & M. Dória, Trans.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Original publicado em 1982 e 1990)
- Morin, E. (1996b). A noção de sujeito (J. H. Rodrigues, Trad.). Em D. Fried-Schmitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 45 – 58). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1994)
- Morin, E. (1997). *O método I: A natureza da natureza* (M. G. Bragança, Trad.). Mem Martins: Europa-América. (Original publicado em 1977)
- Morin, E. (1998). *O método IV. As idéias: Habitat, vida, costumes, organização* (J. Silva, Trad.). Porto Alegre: Sulina. (Original publicado em 1991)
- Morin, E. (1999). *O método III. O conhecimento do conhecimento* (J. Silva, Trad.). Porto Alegre: Sulina. (Original publicado em 1986)
- Neubern, M. (1999). *Fragmentos para uma compreensão complexa da terapia familiar: Diálogos epistemológicos sobre as emoções e a subjetividade no sistema terapêutico*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. Brasília, D.F.
- Neubern, M. (2000). As emoções como caminho para a compreensão complexa da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 242 – 252.
- Neubern, M. (2001a). O reconhecimento das emoções na psicologia: Implicações epistemológicas e reflexões. *Ciência e Profissão*, 2, 62–73.
- Neubern, M. (2001b). Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(1), 242 – 252.
- O'Hanlon, W. (1994). *Raízes profundas* (J. P. Santos, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1989)
- Prigogine, I. & Stengers, I. (1997). *A Nova Aliança: A natureza da complexidade* (J. P. Santos, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1984)
- Rosen, S. (1994). *Minha voz irá contigo* (R. Montebello, Trad.). São Paulo: Psy II. (Original publicado em 1982)
- Rossi, E., Ryan, M. & Sharp, F. (1983). *Healing in hypnosis*. New York: Basic Books.
- Rossi, E. (1997). *A psicobiologia da cura mente-corpo* (A. R. Rossi, Trad.). São Paulo: Psy. (Original publicado em 1993)
- Touraine, A. (1999). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes* (J. P. Santos, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1993)
- Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós moderna*. São Paulo: Summus.
- Santos, B. (1995). *Pela mão de Alice: O social e o político*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. (2000). *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Summus.
- Zeig, J. (1995). *Os seminários didáticos com Milton H. Erickson* (J. P. Santos, Trad.). Campinas: Psy II. (Original publicado em 1993)
- Zeig, J. & Geary, B. (2000). *The letters of Milton H. Erickson* (J. P. Santos, Trad.). São Paulo: Summus.